



MUNDOPOÉTICA

geopolíticas do literário

organização
Cinara Ferreira
Andrei Cunha

CLASS

MUNDOPOÉTICA

geopolíticas do literário

Andrei dos Santos Cunha
Cinara Antunes Ferreira
organização

2020

CLASS

Todos os direitos desta edição reservados.

Copyright © 2020 da edição:
Andrei Cunha
Cinara Ferreira
Copyright © 2020 dos capítulos:
Seus autores

Coordenação editorial

Roberto Schmitt-Prym

Conselho editorial

Antonio David Cattani
Claudio Vescia Zanini
Daniela Pinheiro Machado Kern
Demetrius Ricco Ávila
Elaine Barros Indrusiak
Jéferson Assunção
Karina de Castilhos Lucena
Luciana Wrege Rassier
Pedro Demenech

Projeto gráfico

Roberto Schmitt-Prym

Capa e ilustração da capa

Andrei dos Santos Cunha

Revisora-chefe

Marianna Ilgenfritz Daudt

Equipe de revisão

Andrei dos Santos Cunha
Anselmo Peres Alós
Cinara Antunes Ferreira
Elizamari Rodrigues Becker
Fernanda Vivaçqua de Souza
Galvão Boarin
Gabriel Pessin Adam
Ian Alexander
Karine Mathias Döll
Marcelo Oliveira da Silva
Rafael de Carvalho Matiello
Brunhara
Vinícius Casanova Ritter

Como citar este livro (ABNT)

CUNHA, Andrei; FERREIRA, Cinara (org.). **Mundopoética: geopolíticas do literário**. Porto Alegre: Bestiário / Class, 2020.

BESTIÁRIO



Rua Marquês do Pombal, 788/204
CEP 90540-000

Porto Alegre, RS, Brasil
Fones: (51) 3779.5784 -
99491.3223
www.bestiario.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M965 Mundopoética: Geopolíticas do literário / organizado por Andrei dos Santos Cunha, Cinara Antunes Ferreira. - Porto Alegre, RS : Class, 2020.
292 p. : il. ; 14cm x 21cm.

Inclui bibliografia e índice.
ISBN: 978-65-991765-0-0

1. Literatura brasileira. 2. Ensaios. I. Cunha, Andrei dos Santos. II. Ferreira, Cinara Antunes. III. Título.

2020-1520

CDD 869.94
CDU 82-4(81)

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Ensaios 869.94
2. Literatura brasileira : Ensaios 82-4(81)

SUMÁRIO

- 7** **Prefácio**
Andrei dos Santos Cunha
Cinara Antunes Ferreira
- 13** **Aproximações entre as Relações Internacionais e a Literatura Comparada por meio da história da tradução**
Andrea Cristiane Kahmann
Gustavo Oliveira Vieira
- 37** **Hipóteses para uma poética em interface com a geopolítica**
Andrei dos Santos Cunha
Cinara Antunes Ferreira
- 49** **Literatura Comparada e teoria queer: diálogos e confluências em tempos de internacionalização**
Anselmo Peres Alós
- 70** **Uma análise de *Submissão* de Michel Houellebecq a partir de teorias de Relações Internacionais críticas**
Cícero Krupp da Luz
- 86** **As produções artísticas e literárias de Josefina Plá e Josely Vianna Baptista a partir do barro: vínculos e convivências em perspectiva transnacional**
Débora Cota
- 103** **Tradução literária e *soft power*: o projeto do Instituto de Tradução da Rússia**
Denise Regina de Sales

- 117** **Poesia brasileira traduzida para o inglês:
com que face somos apresentados ao
mundo anglófono**
Elizamari Rodrigues Becker
- 136** **A origem grega da teoria realista de
Relações Internacionais**
Gabriel Pessin Adam
- 164** **“Slavie em Berlim”, de Yoko Tawada — a
escritora e sua escrita sem morada definida**
Gerson Roberto Neumann
- 181** **Algumas coisas que o Brasil me ensinou
sobre a minha literatura**
Ian Alexander
- 208** **Derivações estéticas
da *Ilíada***
Carlos Leonardo Bonturim Antunes
- 222** **Paisagens do íntimo e as poéticas da
internacionalização**
Maria Luiza Berwanger da Silva
- 235** **A antropofagia como crítica política da
cultura contemporânea**
Rejane Pivetta
- 246** **A estranha poesia das mulheres: corpos,
vozes, performances**
Rita Lenira de Freitas Bittencourt
- 261** **Des-figurações do corpo feminino:
textualidade fora da lei**
Rita Terezinha Schmidt
- 276** **Mário de Andrade, diplomata tropical:
cultura negra, música popular e a revista
*Travel in Brazil***
Roniere Silva Menezes

MUNDOPOÉTICA

geopolíticas do literário

DERIVAÇÕES ESTÉTICAS DA *ILÍADA*

Leonardo Antunes¹

Na introdução que escrevi para minha tradução do **Édipo Tirano**, de Sófocles (2018), propus a noção de *derivação estética* como um modo possível de compreender a tradução e de traduzir. Creio que o verbo *derivar* seja profícuo nesse sentido tanto por conter a ideia de uma obra que nasce de outra obra quanto por dar também uma noção de instabilidade, de estar à deriva.

Aqui, analisarei um trecho da **Ilíada** de Homero e mostrarei como as potencialidades do texto de partida dão origem a outras em diversas traduções, que, por sua vez, derivam-se também entre si, tanto por emulação quanto por diferenciação proposital como busca de identidade. Depois disso, apresentarei também uma *derivação estética* desse processo todo: um poema épico que estou compondo em diálogo com a tradição e com a tradução.

A *ILÍADA* E SUAS DERIVAÇÕES

Para o estudo, tomaremos um trecho do Canto XII da **Ilíada**, que apresento na edição de Monro e Allen, e também em uma tradução metafrástica, apenas para fins informativos do conteúdo semântico e de sua organização dentro dos versos.

(CANTO XII, vv. 269-276):

HOMERO

ὦ φίλοι Ἀργείων ὅς τ' ἔξοχος ὅς τε μεσήεις
ὅς τε χειριότερος, ἐπεὶ οὐ πω πάντες ὁμοιοί
ἀνέρες ἐν πολέμῳ, νῦν ἔπλετο ἔργον ἅπασι:
καὶ δ' αὐτοὶ τόδε που γιγνώσκετε. μή τις ὀπίσσω
τετράφθω ποτὶ νῆας ὁμοκλητῆρος ἀκούσας,

¹ Doutor em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo. Professor de Língua e Literatura Grega na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ἀλλὰ πρόσω ἴεσθε καὶ ἀλλήλοισι κέλεσθε,
αἱ κε Ζεὺς δώησιν Ὀλύμπιος ἀστεροπητῆς
νεῖκος ἀπωσαμένους δηϊῶνς προτι ἄστν διέσθαι.’

TRADUÇÃO METAFRÁSTICA

“Ó amigos, dentre os argivos, quem [for] mais proeminente e quem [for] mediano e quem [for] pior — visto que de nenhuma forma todos [são] iguais [os] homens na guerra —, agora há trabalho para todos. E [vós] mesmos isto decerto sabeis. Que ninguém para trás se vire em direção às naus [depois de] alguém chamando ter escutado, mas adiante ide e uns os outros convocai. Que Zeus conceda, o Olímpio relampejador, a disputa [nós] tendo afastado, os inimigos para a cidade dispersar.”

O trecho em questão representa o tipo de voz de comando que os dois Ájaxes estavam exercendo sobre os guerreiros acaios durante um combate.

Uma leitura desatenta ou desinformada pode levar o leitor a pensar que esses versos são quase prosaicos. Porém, ao se buscar com mais afinco, é possível encontrar estruturas sofisticadas de composição. Vejamos.

Em primeiro lugar, podemos dividir o discurso em três partes: uma exortação inicial (três versos), o comando para a luta (outros três versos) e uma prece final, que identifica também o objetivo do combate (últimos dois versos).

Na primeira parte, duas ideias principais são ditas, sendo a segunda mais importante no contexto do que a primeira: nem todos são iguais na guerra (há os ruins, os médios e os bons), mas há trabalho para todos. A forma pela qual isso se constrói é digna de nota. Primeiramente, há um endereçamento: os Ájaxes se dirigem aos “amigos” (*φίλοι*) “dentre os argivos” (*Ἀργείων*). Porém, note-se que *Ἀργείων* pode ser tanto visto como complemento de *φίλοι* como elemento restritivo (genitivo partitivo) para os apostos elencados na sequência: dentre os argivos, quem [for] mais proeminente e quem [for] mediano

e quem [for] pior. Isso é algo que se resolve facilmente na leitura, mas, numa exposição oral, em que o sentido precisa ser construído rapidamente e de modo cambiante enquanto se acompanha o fluxo da leitura, resulta em um efeito certamente prazeroso para o expectador.² Note-se também como o conteúdo fundamental da passagem se encontra no primeiro hemistíquio do primeiro verso e no segundo hemistíquio do último verso, que podem ser unidos em um hexâmetro metricamente perfeito, ὦ φίλοι Ἀργείων, νῦν ἔπλετο ἔργον ἅπανσι (Ó amigos dentre os argivos, agora há trabalho para todos).

A segunda parte se inicia com uma ênfase retórica à primeira, καὶ δ' αὐτοὶ τόδε που γινώσκετε (E [vós] mesmos isto decerto sabeis), para, em seguida, seguir ao comando principal: que ninguém recue depois de ter ouvido o chamado, e, sim, siga em frente exortando os outros a também avançarem. É a passagem com maior trabalho sonoro: notem-se as assonâncias em /ó/ (γινώσκετε, ὀπίσω, τετράφθω, πρόσω), as aliterações das líquidas /l/ e /r/ (τετράφθω, ὀμοκλητῆρος, ἀλλὰ, πρόσω, ἀλλήλοισι, κέλεσθε) e a rima interna entre ἴεσθε e κέλεσθε, verbos principais do período, localizados, respectivamente, no final do primeiro e do segundo hemistíquio do terceiro verso da segunda parte, conforme nossa divisão.

Por fim, a terceira parte, a da oração, constrói-se de modo igualmente econômico, com um primeiro verso que aponta o caráter volitivo da enunciação (αἶ κε + δώγησιν), assim como o agente que poderá vir a cumprir o pedido, Zeus, que é caracterizado como Ὀλύμπιος ἀστεροπητής (“Olímpio relampejador”). O primeiro epíteto serve como índice de respeito à majestade do deus, ao passo que o segundo aponta para a manifestação destrutiva que se deseja evocar. O complemento da prece vem apenas no último hemistíquio da passagem, δηῖους προτὶ ἄστυ δίεσθαι (“os inimigos para a cidade dispersar”), que funciona, isoladamente, também como um infinitivo jussivo, um resumo da ordem para os próprios guerreiros. Antes do final da prece, há ainda uma oração subordinada reduzida de participípio, νεῖκος ἀπωσαμένους,

² Esse tipo de construção é comum na leitura grega. Outros exemplos podem ser encontrados nos comentários que fiz para minha tradução do Édipo Tirano (2018) de Sófocles.

um acusativo absoluto de valor temporal, que é tanto um dos dois objetos de *δώησιν* (que Zeus venha a conceder [1] a [nós?]) tendo afastado disputa [ii] dispersar os inimigos para a cidade) como sujeito do verbo infinitivo final do período. Além disso, note-se como não se especifica a quem *ἀπωσαμένους* se refere. É tentador entender um “nós” pelo contexto, mas o verbo se encontra com a agência aberta para a eventualidade do destino: é mais importante que o pedido aconteça do que apontar quem deve cumpri-lo (é quase como se se dissesse: “Que Zeus conceda, aos que tiverem afastado o conflito, dispersar os inimigos para a cidade”). Essa mesma incerteza de agência também existe para o discurso como um todo, já que não sabemos qual dos dois Ájaxes o está proferindo a cada momento.

Assim, qualquer impressão inicial de que os versos de Homero sejam prosaicos se frustra diante de uma análise mais cuidadosa de seus procedimentos estruturais.

Vejam agora exemplos de algumas traduções em verso para esse mesmo trecho.

CHRISTIAN WERNER (2018)

“Amigos, aos argivos, aos notáveis, aos medianos
e aos piores, pois de forma alguma os varões são
iguais na batalha — agora para todos há um feito;
vós mesmos reconheceis isso. Que ninguém atrás
se volte para as naus, após ouvir a admoestação;
não, avançai com gana e exortai-vos mutuamente,
esperando Zeus nos conceder, Olímpio relampejador,
afastarmos a disputa e perseguirmos o inimigo à urbe”.

A tradução de Werner se destaca por alguns cuidados muito evidentes. Em primeiro lugar, nota-se que o tradutor tentou reproduzir, em grande medida, a organização das palavras dentro dos versos, que, apesar de serem livres e não seguirem um padrão métrico ou rítmico fixo, possuem extensão visual semelhante não só no trecho em questão, mas também no restante da obra³. Outras características de sua tradução, como o cuidado com os epítetos e a atenção à bibliografia recente

³ Antes de Werner, Jaa Torrano já utilizara esse critério visual para balizar os versos de suas traduções de Hesíodo, de Êsquilo, Sófocles e Eurípides.

sobre Homero, seriam difíceis de se comentar com base apenas no trecho apresentado. Diante do pequeno excerto em vista, podemos dizer que sua tradução é uma versão mais concisa e bem trabalhada de uma leitura metafrástica.

FREDERICO LOURENÇO (2005)

“Amigos, entre os Argivos quem for melhor, mediano ou pior (visto que não podem ser todos os homens iguais na guerra), agora há trabalho para todos! Isto sabeis também vós. Que ninguém volte para trás, para as naus, por ter ouvido consonante gritaria. Mas avançai para a frente e incitai-vos uns aos outros, na esperança de que Zeus, o astral relampejador Olímpio, nos permita repelir o assalto e correr com o inimigo para a cidade.”

A tradução de Lourenço parece seguir por um caminho semelhante à de Werner, sacrificando um pouco da concisão e da busca pelo vocábulo justo em troca de uma maior fluência e legibilidade. Em especial, há que se louvar o uso da pontuação tanto para enfatizar o *ethos* da passagem (e.g., a exclamação durante o endereçamento inicial) quanto para organizar de modo claro para o leitor o conteúdo dos versos (e.g., os parênteses emoldurando a oração causal). Há ainda um uso curioso de tradução etimológica para *ἀστεροπητής*, que acaba vertido como “astral relampejador”, que destoa um tanto de seu procedimento padrão e mais se assemelha ao tipo de trabalho feito por Campos (mas, curiosamente, não no caso em tela, conforme veremos a seguir).

HAROLDO DE CAMPOS (2001)

no prélio: “Ó companheiros, filhos da Acaia, quem seja ótimo, quem menos bom, quem muito pouco valha — já que na guerra os homens não se igualam —, isso agora não pesa, há função para todos. Ninguém, pois, tendo ouvido este aviso, recue para junto das naus. Todos em frente, todos se animando uns aos outros. Zeus Fulgurador pode bem conceder-nos rechaçar os Tróicos, e aossá-los até sua cidadela pétrea”.

Em sua tradução da **Ilíada**, Haroldo de Campos empregou o dodecassílabo com acento ou na sexta ou na quarta e na oitava sílaba. Conforme apontei na resenha (2008)⁴ que fiz para a tradução da **Odisseia** de Trajano Vieira, os versos de Campos, em sua **Ilíada**, são, por vezes, truncados, exigindo leituras atropeladas de certas palavras para fechar a métrica. No caso em questão, para que o primeiro verso não se leia de modo hipermétrico, é preciso pronunciar “Acaia” como um dissílabo (“Acai”). Apesar desse tipo de problema, é uma tradução que se destaca pelo vigor imagético, pela concisão e concentração de sentido e por momentos de grandes achados. Talvez essas características não se ilustrem todas no trecho em questão, mas é fácil notar a concisão adotada, a destreza de soluções como “Todos em frente, todos se animando uns aos outros”, que exprime de modo convincente o tipo de urgência e voz de comando esperados na situação. Também são notáveis o adorno “pétrea” ao final do período, e o “no prélio” como um resquício do período anterior ao discurso: pelo uso de um verso de curta extensão, o poeta precisou o tempo todo reorganizar o conteúdo dos versos e fazer muitos cortes ao traduzir. Em especial, os versos formulares que introduzem discursos são bem reduzidos em sua tradução, dando espaço para que pudesse resolver outros conteúdos que julgou mais importantes.

CARLOS ALBERTO NUNES (1943)

“Caros, conquanto nem todos na guerra possamos ser
grandes –
uns preexcelentes heróis; outros, médios; alguns, de
coragem
mais reduzida –, ora cumpre que todos se mostrem
capazes,
como, sem dúvida, vedes que a luta o requer. Ninguém
volte
para os navios, ninguém, após haverdes ouvido o
comando,
mas, sempre avante, a lutar, exortai-vos, que Zeus,
porventura,

⁴ A resenha foi publicada em 2012, mas saiu com a data de 2008 por conta de o número da revista estar atrasado.

fulminador, há de dar-nos podermos sustar este assalto e repelir o inimigo até aos muros de Tróia altanada.”

A tradução de Nunes tem como característica principal a tentativa de emular o ritmo do poema de Homero, pela adoção de um hexâmetro dactílico em português. Ainda que o tradutor não tenha se permitido o uso de espondeus, como fizeram mais recentemente Tápia (2012), Flores (2014), Gonçalves (2016) e Palavro (2018), o resultado obtido emula a grandiloquência do hexâmetro grego. O conteúdo semântico dos versos, como se pode facilmente notar, teve de ser acomodado de modo menos próximo ao grego, tal como visto na tradução de Campos. Também Nunes adicionou um adorno a mais ao fim do período, “os muros de Tróia altanada”, como perífrase para “cidade”. Ademais, o tradutor escolheu um registro bastante elevado, o que é condizente com o *ethos* da poesia homérica, que, apesar de oral, não era coloquial.

ODORICO MENDES (1874)

“Amigos, do mais fraco ao mais valente
Necessitamos na aflição que vedes;
Não cabe a todos ser no prélio exímios:
Sem temor de alaridos, exortai-vos;
Avante, a fuga é vil. Talvez o Olímpio
Rechaçá-los nos faça até seus muros.”

Nosso recuo no tempo chega por fim até Odorico Mendes, o primeiro a verter os poemas de Homero integralmente para o português. Mendes usou o decassílabo, metro mais canônico em nosso idioma para se escrever uma epopeia. Orgulhava-se de ter alcançado uma concisão maior que a do próprio Homero, tendo reduzido não só a extensão do verso mas também a quantidade de linhas em relação ao texto de partida, características que se notam facilmente acima. Apesar dos muitos cortes, é notável que as ideias centrais do período foram todas traduzidas e adquirem uma veemência brutal pela concisão. Também é interessante a solução que o tradutor propôs para a agência do verbo “rechaçar”. Talvez o ponto mais questionável do período seja o deslocamento da ideia “Não cabe a todos ser no prélio exímios” para depois da conclusão “do mais fraco ao mais

valente / Necessitamos na aflição que vedes”, o que pode causar certa confusão para quem não conhece o texto de partida.

MINHA TRADUÇÃO (em andamento)

“Meus amigos, guerreiros dos argivos
todos — proeminentes, medianos
e mesmo vós que fordes inferiores
(uma vez que os guerreiros certamente
não são iguais no campo de batalha) —,
agora é hora de todos lutarem!
Sabeis a gravidade do perigo.
Que nenhum homem fique para trás!
Ninguém recue de volta aos navios
enquanto é conclamado para a luta!
Avançai, meus amigos! Avançai
e conclamai os outros a avançarem!
Que Zeus Olímpico, deus do trovão
e do relâmpago, agora conceda
rechaçarmos os nossos inimigos
para longe e de volta à cidadela!”

Na tradução que proponho para a **Iliada**, estou usando dois decassílabos para cada hexâmetro de Homero. Além do decassílabo heroico (6-10), comum à épica, estou empregando também o sáfico (4-8-10) e o de arte maior (4-7-10). A variação entre esses três tipos de verso emula, de certo modo, a própria variação rítmica do texto de partida, sendo que o verso de arte maior possui, ele próprio, um andamento dactílico. Escolhi fazer esta apresentação voltando do mais recente ao mais antigo, justamente para contrapor minha tradução à de Odorico: as daus são em decassílabos, mas não podiam ser mais distintas. Mesmo sem usar um hexâmetro dactílico vernáculo, tentei reproduzir a articulação geral das partes do discurso. Em especial, note-se como o primeiro e o sexto verso compõe a unidade de sentido da primeira parte da exortação. Também no restante do período, procurei manter um paralelismo entre os decassílabos e os hemistíquios dos versos gregos. Procurei aliterações e assonâncias no trecho central, adotando ainda a repetição de “avançai”, para reforçar a rima. Como Campos e Lourenço, também procurei usar a pontuação a favor da

fluência, da clareza e da ênfase ao *ethos* da passagem, adotando exclamações para pontuar a emergência da situação. Ainda que seja um registro em desuso na fala cotidiana, preferi usar o pronome pessoal “vós” (assim como o “tu” na segunda pessoal do singular), para apontar para um uso elevado e pouco comum da língua, assim como era o texto de Homero.

O RETORNO DOS HERÁCLIDAS

Por fim, aproveitando esse mesmo tipo de registro, as fórmulas que tenho criado para traduzir Homero e o imaginário desses poemas, comecei a escrever um épico a respeito do **Retorno dos Heráclidas**, relato épico mencionado por Apolodoro (ii. 7-8), Pausânias (ii. 18. § 7, v. 3. § 1), Heródoto (v. 72), Isócrates (Archid. 8, 12, 18, 19, 20, 22, 24, 32), Estrabão (ix. 5), Diodoro (iv. 57-59) e, de modo mais difundido, Eurípides, em sua peça **Os Heráclidas**.

As informações que temos sobre o mito são poucas. Se juntadas, somam um resumo de algumas poucas páginas. O desenho geral da história é o seguinte: 80 anos após a guerra de Troia, os descendentes de Hércules retornam para o Peloponeso, junto com os dórios, e causam uma devastação que os próprios gregos entendiam ter sido a causa do que hoje chamamos de Idade das Trevas da Grécia. Os nomes que aparecerão no trecho a seguir são todos extraídos da tradição.

RETORNO DOS HERÁCLIDAS,
CANTO I, VV. 1-120

Há muito tempo atrás, na Grécia Antiga,
depois da queda de Príamo rei
e do retorno dos heróis acaios,
as trevas descenderam sobre a Grécia.
Os arqueólogos, ainda hoje,
não sabem explicar o que ocorreu,
mas todos os indícios materiais
apontam para um grande cataclisma:
os palácios micênicos ruíram,
ruíram vilas, aldeias, cidades,
os povos foram todos dizimados

e assim findou-se a Idade dos Heróis.
O próprio chão da Grécia, ainda hoje,
recusa-se a contar o que ocorreu.
Mas não havia dúvida entre os gregos
a respeito da causa desses males.
Assim diziam os antigos sábios,
Heródoto, Pausânias e outros tantos:
“As trevas descenderam sobre a Grécia
no dia em que os Heráclidas voltaram.”
Se as pedras, onde o sangue dos heróis
verteu-se em oblação, mantêm silêncio,
não poderei contar a minha história,
Musa, se não cederes teu auxílio.
Então canta, Calíope, o retorno
dos descendentes de Hércules divino!
Concede-me dizer a sua saga
até o fim da casa dos Atridas.
Por onde iniciaremos nosso canto?
Pelo ponto mais crítico decerto.
Quando os dórios, descendo da Tessália,
se reuniram na Lócrida Ozólia
a fim de construir a sua armada
(no ponto que mais tarde ficaria
por isso conhecido por Naupacto),
o fim teria vindo mais depressa
para Tisâmemo, filho de Orestes,
e para os últimos heróis acaios,
se na noite da festa de partida
Hípotes, filho do nobre Filante,
não tivesse matado por engano
o acarniano Carno, um adivinho
que à sua mente regada de vinho
lhe pareceu um mago do inimigo.
Por cento e vinte dias, os guerreiros
haviam trabalhado com afinco,
moldando longas tábuas de carvalho
em cascos resistentes e recurvos,
e aplainando cipreste, abeto e pinho
para os conveses, os mastros e os bancos.
Quando por fim terminaram os remos,
as âncoras, as velas e os timões,
diante de seus próprios olhos viram
uma coroa de barcos na praia:

do leste extremo até o extremo oeste,
mil navios contornavam a enseada.
Enquanto os últimos raios do sol
ainda esplandeciam sobre as águas,
Têmeno, chefe guerreiro dos dórios
e líder dos Heráclidas falou:
“Nobres amigos, meus irmãos em armas,
e Heráclidas, irmãos também em sangue,
não é pequeno o feito que se encerra
depois de tanta errância e tanta agrura.
Hermes é testemunha das estradas
que temos viajado, há tanto tempo,
desde que nós partimos em campanha
dos alcantis do vasto Monte Pindo.
Ares conhece bem a vossa força,
testada duramente nas batalhas
em que vencemos a elite guerreira
dos invasores ilírios ao norte.
Mas, sobretudo, Zeus está conosco
na nêmesis perante as injustiças
que nossos pais sofreram no passado
e que hoje ditam o nosso destino.
Com esta armada de rápidas naus,
nós cruzaremos as ondas do mar
e aportaremos de volta na Acaia,
a terra prometida aos nossos pais.
Portanto, celebrai, irmãos e amigos!
Façamos prontamente sacrifícios
e libações aos deuses sempre vivos.
Depois comamos e bebamos todos!”
Assim falou e todos responderam
com gritos jubilosos à proposta.
Prontamente trouxeram sete touros
os sete líderes dos homens dórios,
Têmeno, Eurístenes, Cresfonte, Procles,
Aristodemo, Pânfilo e Dimante.
Juntaram-se no centro da assembleia
e, tendo feito preces para os deuses,
aos habitantes do Olimpo elevado,
mormente a Zeus, mais forte dentre todos,
degolaram os sete grandes touros,
vertendo-lhes o sangue sobre a areia.
Depois que as carnes haviam sangrado,

retiraram os couros com cuidado,
para serem tratados e curtidos.
Então cortaram fora as coxas gordas
e as espetaram sobre o fogo aceso.
O lombo todo, coluna e costelas,
eles também puseram na fogueira.
Retalharam em postas o restante
e, junto dos miúdos, em seguida,
puseram tudo no calor do fogo.
Em seguida aspergiram nas viandas
farinha de cevada, muito branca.
Em outro fogo depois colocaram
os ossos das carcaças, recobertos
com banha bem brilhante, que imolaram
em oferenda aos deuses sempre vivos.
Por fim verteram por cima das chamas
o vinho adocicado como mel.
Em espirais diáfanas subia
o fumo fúlgido das oferendas
até o palácio dos deuses olímpios,
que estavam reunidos em conselho
discutindo o destino que dariam
aos dórios e aos Heráclidas guerreiros.

Entendo esse tipo de procedimento também como *derivação estética* e como um tipo de tradução intersemiótica: da prosa para o verso, do resumo para a expansão poética. Adotei recentemente esse mesmo expediente na criação da tragédia **Lícidas** (2019) a partir de um parágrafo extraído das **Histórias** de Heródoto.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Leonardo. **Lícidas**. Porto Alegre: Zouk, 2019.
- ANTUNES, Leonardo. Odisseia, trad. Trajano Vieira. **Letras Clássicas**, (12), 283-288, 2008.
- APOLLONORUS. **The Library**, with an English Translation by Sir James George Frazer, F.B.A., F.R.S. 2 Vols. Cambridge, MA: Harvard University, 1921.

DIODORUS SICULUS. **Diodori Bibliotheca Historica**, 2 Vols. Editado por Immanuel Bekker, Ludwig Dindorf, Friedrich Vogel. Leipzig: Teubner, 1888-1890.

EURÍPIDES. **Teatro completo**. Tradução de Jaa Torrano. Vol. 1. São Paulo: Iluminuras, 2015.

FLORES, G. G. **Uma poesia de mosaico nas “Odes” de Horácio: comentário e tradução poética**. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2014.

GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. Tradução e ritmo: rêver le vers de Lucrécio. **Morus**, v. 11, n. 1, 2016.

HERODOTUS. **Herodotus** with an English translation by A. D. Godley. Cambridge: Harvard University, 1920.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Christian Werner. São Paulo: Ubu, 2018.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro, Ediouro, 2001.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Odorico Mendes. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre/Recife: W. M. Jackson Inc., 1964.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Haroldo de Campos. Vol. 1. São Paulo: Mandarim, 2001.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2005.

HOMERO. **Homeri Opera in five volumes**. Editado por David B. Monro e Thomas W. Allen. Oxford: Oxford University, 1920.

ISOCRATES. **Isocrates** with an English Translation in three volumes, by George Norlin, Ph.D., LL.D. Cambridge, MA: Harvard University, 1980.

PALAVRO, Bruno. **A Theogonia de Hesíodo : traduzida & anotada pela mão de Bruno Palavro**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

PAUSANIAS. **Description of Greece** with an English Translation by W.H.S. Jones, Litt.D., and H.A. Ormerod, M.A. 4 Vols. Cambridge, MA: Harvard University, 1918.

SÓFOCLES. **Édipo Tirano**. Tradução de Leonardo Antunes. São Paulo: Todavia, 2018.

STRABO. **Geographica**. Editado por A. Meineke. Leipzig: Teubner, 1877.

TÁPIA, Marcelo. **Diferentes percursos de tradução poética como paradigmas metodológicos de recriação poética: Um estudo propositivo sobre linguagem, poesia e tradução.** 2012. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.